

## FERNANDO CALLAGE NO INTERIOR PAULISTA

*Rodrigo Rossi Falconi*

**Resumo:** *O dia em que a cidade de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo, recebeu o ilustre escritor do Rio Grande do Sul.*

**Abstract:** *The day that the city of São João da Boa Vista, São Paulo, received the illustrious writer of the Rio Grande do Sul.*

No dia 27 de abril do ano de 1925, realizou-se no suntuoso Theatro Municipal de São João da Boa Vista, no interior do Estado de São Paulo, inaugurado em 1914, a anunciada conferência literária do ilustrado jornalista e escritor gaúcho Fernando Callage (1891-1964), que versou sobre o sugestivo tema “As grandes heroínas do Amor e da Beleza”.

Todos estavam certos de que Fernando Callage, que vinha realizando apreciadas e concorridas conferências com grande sucesso em diversos centros cultos do Estado de São Paulo, na cidade São João da Boa Vista também alcançaria êxito em seu trabalho que era uma fina jóia literária.

Para este festival em solo sanjoanense, que prometia grande sucesso e atraiu a atenção da imprensa de toda a região, os ingressos ficaram disponíveis na redação do jornal *Cidade de São João*.

Naquele momento, o distinto escritor gaúcho era o redator-secretário da bela revista de *Modernismo, Nacionalismo e Ibero-Americanismo*: “Novíssima”, publicada na cidade de São Paulo, que tinha como seu redator principal José Lannes, como diretores literários e artísticos Cassiano Ricardo e Francisco Pati e como gerente o poeta Pedro Saturnino.

Segundo o primeiro número do jornal *A Evolução*, propriedade do professor Roque Teixeira Fiori (1898-1948), publicado no dia 21 de abril de 1925, com o título de “Festival Literário”:

*Acha-se entre nós, vindo de São Paulo, o distinto escritor patricio Sr. Fernando Callage, redator-secretário da bela revista “Novíssima”, que pretende, no Theatro Municipal, realizar uma interessante conferência literária com o sugestivo tema “As grandes heroínas do Amor e da Beleza”.*

*Como se trata de um escritor de méritos firmados, recomendamos-lo aos nossos leitores.*

Com o título de “Impressões de São João da Boa Vista”, Fernando Callage, um intelectual de méritos firmados, representante da geração de modernos escritores regionalistas que se destacavam em todo o Brasil, escreveu a seguinte crônica para o jornal *O Município*, publicada na primeira página da edição de 25 de abril de 1925, na qual ele apresentou as suas impressões da cidade, berço de Guiomar Novaes, que ele aclamou como entusiasmo na sua conferência “Sombras que passam”:

*Deixou São Paulo. Depois de 7 horas de viagem, de uma viagem maçante, com mulheres feias num carro onde viajam também turcos, italianos, portugueses e cascas de banana por aqui e por ali, chego, enfim, a São João da Boa Vista.*

*A cidade, desde logo, agrada-me. É uma cidade limpa, alegre, interessante. Depois de um confortável banho (os banhos dos hotéis nunca são confortáveis) saio à rua. É noite. Não. É quase noite...*

*Começo a caminhar, a olhar... Vejo caras alegres, simpáticas. Como amigo que sou das árvores, das flores, das mulheres bonitas, ando pelas praças, pelas avenidas, pelos passeios públicos. Sim, a cidade é encantadora, é uma linda mulherzinha desejável...*

*Mais à noite, ao lado da Matriz, muita gente, uma banda de música, e diversos barracões armados. É dia de festa. Quermesse. Umas mocinhas bem dispostas chegam-se a mim e oferecem-me flores. Compro-as. Eu gosto de flores...*

*São Benedito, o santo querido das mulheres bonitas e das feias também, está nos seus grandes dias de prazer... Faceiro, como um menino que ganhou o prêmio ou como uma menina que tomou a primeira comunhão... Como é agradável a gente tirar o primeiro prêmio ou tomar a primeira comunhão ... (Eu nunca tirei o primeiro prêmio, mas tomei já a primeira comunhão... Como eu tenho saudades dos meus tempos de rapaz! Hoje, desgraçadamente, sou um velho rabugento amigo do modernismo...).*

*Mas como ia dizendo, São Benedito é um santo muito bom, camarada, distinto, amigo dos pobres e dos ricos... Está em festa. Bem bom, como dizia o Albano, que o Fialho de Almeida, o mais adorável passadista que produziu Portugal, pôs naquele seu admirável conto “A Madona do Campos Santo”. Bendita a hora em que cheguei aqui, e que vejo e percebo São João da Boa Vista em festa, com São Benedito alegre...*

*Mais à noite, ainda, vou a procura de Mello Nóbrega, que o Walther Barioni, em São Paulo, tanto me falava. É realmente um fino espírito. Um dinâmico. Todas as suas forças criadoras são um reflexo da nossa vida moderna. A sua poesia, a sua prosa, nada do verbalismo arcaico, choramingão. É do nosso tempo. Da nossa tumultuosa febre de requintados...*

*E com Mello Nóbrega começo a passear, a conhecer mais de perto a cidade encantadora, moderna. Automóveis por aqui e ali. Carros como os de minha*

*terra que ficou lá longe, na província... Vou ao Centro Recreativo. É um clube distinto, que honra a cidade que visito, não só pelo seu aspecto exterior, como pelo seu aspecto interior. Depois, saio e vou ao largo Joaquim José. É um largo com muita luz, pitoresco, agradável. Cheio de curvas lagartixas. Sento-me num banco bem defronte à estátua de Joaquim José e com Mello Nóbrega ao meu lado, falo de arte, de literatura, de conferências...*

*A conversa dura pouco. Mello vai ao Banco. Eu vou para a praça onde está a Matriz. Muita gente. Bandos gárrulos de senhorinhas passeiam por todos os recantos da praça. Como são adoráveis as mulheres modernas! E vejo-as no esplendor da graça, muito interessantes, com os cabelos curtos e as nuças alvas à mostra...*

*Horas depois, entro num cinema, no Municipal. Alegria. Flirt. Sorriso... Também rio, sorrio, mas... mas flirto. Que pena! O filme agrada a todos. É um filme de série, dos da marca “Mistérios de New York”. Correrias. Brigas. Bandidos. Gente boa. Uma mulher bonita, possuidora de uma grande fortuna, é perseguida. Um homem bom, bonito, moço, sempre a salvá-la dos perigos... Enfim, o final para depois, a igreja, o casório, beijos, abraços, um bebê...*

*E assim passei a minha primeira noite na encantadora São João da Boa Vista. Se não fiz uma crônica de viagem estilo à Ramalho, fiz uma crônica estilo à Pedro Malazzarte... A vida é uma delícia e eu estou gostando desta magnífica cidade.*

*Assim seja sempre.*

*Fernando Callage. São João da Boa Vista, 21 de abril de 1925.*

No citado número do jornal *O Município*, propriedade de Luise Lühmann (1867-1948), viúva do fundador Carlos Augusto Lühmann (1877-1914), a redação do hebdomadário, honrando-se com a visita e colaboração do escritor gaúcho, apresentou-lhe o seu voto de felicidades em São João da Boa Vista e os seus agradecimentos.

No dia 26 de abril de 1925, com o título de “Em torno do Movimento Literário Moderno – Uma Palestra”, o jornal *Cidade de São João*, fundado por Silviano Barbosa (1860-1920), e que naquele momento tinha como redator Francisco Paschoal (1891-1961), informou a seus leitores que Fernando Callage concedeu-lhes uma entrevista sobre o movimento literário do País.

Para conseguirem a visita, informaram que foram procurá-lo no Hotel Central, na Praça da Matriz, onde se hospedava. Ao ver o representante do jornal *Cidade de São João*, exclamou o visitante de modo alegre: “Olá, o amigo por aqui!”. Tinha início naquele momento a entrevista que, segundo o hebdomadário sanjoanense, teve o seguinte conteúdo:

– É verdade. Não queríamos perder a oportunidade de uma palestra sobre o atual movimento literário. O amigo é um dos mais entusiastas batalhadores da renovação em arte. Basta dizer-se que é o redator secretário da “Novíssima”...

– Sim, a “Novíssima” é hoje, em São Paulo, o órgão dos novos, isto é, de todos aqueles que batalham pela renovação em arte. Porque, o amigo bem sabe, há velhos com idéias novas, como há novos com idéias velhas...

– A causa primacial da renovação?

– O tumulto contemporâneo. Numa época em que tudo é rápido, instantâneo, elétrico, época do aeroplano, do cinema, do automóvel, dos arranha-céus, da radiotelegrafia, claro é que os nossos sentimentos não poderiam ser os mesmos de vinte anos atrás... Precisamos fixar tudo com rapidez, com síntese, com imagens novas, dando a cada coisa uma expressão dinâmica que focalize admiravelmente a nossa ânsia interior. Eis o modernismo, a beleza nova. Nada de períodos longos, de imagens melosas, de sentimentalismos, de temas sedícios, banais...

– Quer dizer que o futurismo triunfou de fato?

– Mas, meu caro, nunca houve futurismo. Isto que os passadistas chamam de futurismo nunca o foi, não existe. O que há, como acima declarei, é uma ânsia, uma volúpia, uma alegria de coisas novas, originais. Pois se tudo evolui, como poderíamos em arte viver a vida da estagnação, do charco? Pois como poderemos ainda fixar em fórmulas duras, pesadas, obsoletas, de carros de bois, os nossos sentimentos estéticos, quando tudo aí fala ao contrário? Pois o amigo não vê as mulheres de cabelos curtos, pernas à mostra, leveza de vestuários, bamboleios de ancas, num treme-treme jazz band, um tro-ló-ló de pega-pega? É a vida moderna... A hora passa...

– Pode citar-nos alguns dos espíritos novos que mais têm se salientado no atual movimento renovador?

– Afora Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida (este publicou há pouco um livro admirável, “Meu”), Menotti Del Picchia, Paulo Torres, Oswaldo Orico, Rodrigues de Abreu, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Rocha Ferreira, todos com livros publicados, temos ainda a acrescentar Plínio Salgado, que vai publicar em breve “Discurso às estrelas”, bem como Cassiano Ricardo, que vai dar à estampa um livro profundamente nacionalista: “O baile das 7 cores”. Francisco Patti tem, também, para o prelo “Arcos voltai-cos”. Como vê, o número é grande e distinto. Há, ainda, outros de grande merecimento, como Mello Nóbrega, um admirável espírito moderno que vim conhecer aqui por intermédio de um grande artista que muito amo e admiro: Walther Barioni, o autor das “Canções do instante que se vai”. Tanto um como outro são duas fortes organizações de artistas.

Do primeiro já conheço capítulos de uma novela que vai fazer um ruído, um sucesso no mundo atual das letras; o segundo é hoje triunfante nos meios de São Paulo. Também começa a aparecer na paulicéia um rapaz de brilhante talento: Aníbal de Andrade. Tanto no verso como na prosa, indica a plasticidade

*do caráter contemporâneo. E dia a dia vão aparecendo novos espíritos que trazem à arte um poderoso contingente de renovação. Não é sem motivo que Alberto de Oliveira, o regido Albertão dos sonetos e dos formidáveis poemas parnasianos de légua e meia, deu o grito de alarme na Academia de Letras, onde imperam Laudelino Freire, Alberto de Faria, Dantas Barreto, Lauro Muller, e outros, com um interessante parecer em que pede à austera Academia aceite os livros dos escritores novos e dê a eles o prêmio merecido. Ah, o amigo nem pode imaginar o bem que fez ao nosso País, e mormente às letras, o pontapé que deu na Academia, com a sua conferência de arte moderna, o grande Graça Aranha! Foi o melhor zabumba da nossa civilização... E, por isso mesmo, o autor do “Espírito Moderno” há de ficar.*

– Mas, o que nos conta do seu Rio Grande, da vida intelectual de lá?

– Não tanto quanto São Paulo, o movimento renovador de lá é, já, suficientemente interessante, bizarro. Fora o Álvaro Moreyra, que vive no Rio, há anos, temos uma galharda geração de novos que honra o nosso Estado. De lá destacam-se Paulo Arinos, Raul Bopp, Plínio Mello, Antero Marques, Sady Garibaldi, os irmãos José e Figueiredo Pinto, Eduardo Guimarães, Luiz Vergara, Ely Costa, Francisco Ricardo, e outros mais, esparramados por todos os recantos do País. A vida contemporânea com os seus mil e um atrativos, sua complexidade de esforços, de trabalho, de conquistas, de não lazer, a inércia, a sentimentalidade caolha, tem dado a todos os novos uma ânsia nova de beleza, que encanta e deslumbra. Nada da Grécia, do Romanismo, do chora-chora passadista, das lamúrias em torno das Vênus carnudas que choravam nos conventos as suas tristes histórias de amor... Sim, cantemos o amor pago, contratado, sonhado, ou a peso de ouro ou a peso de lábias, mas cantemos com entusiasmo, com alegria, com rapidez. Busquemos em todos os departamentos da vida moderna imagens novas para os nossos poemas. Busquemos nas lendas de nossa terra, no cheiro de nossas matas, na majestade dos nossos rios, na beleza das nossas mulheres, na estrutura nervosa dos nossos esportistas, uma emoção nova, ágil, sincera, violenta. Sejamos do nosso tempo, com todo o amor da nossa carne e com toda a força do nosso espírito, só assim conseguiremos uma Pátria bela, forte e querida.

– Agora queira o nosso amigo, com os nossos agradecimentos, receber os nossos votos de feliz sucesso pela conferência que vai realizar terça-feira.

– Obrigado.

*Estava finda a nossa palestra.*

O palestrante, já naquele momento reconhecido como dos mais brilhantes representantes do Rio Grande do Sul, conseguiu pleno êxito em sua apresentação, sendo muito aplaudido pela seleta assistência, constituída pelos representantes do meio artístico e social da cidade, que compareceu ao Theatro Municipal, correspondendo, assim, com a mais viva simpatia, ao apreço que o ilustre conferencista dedicou à então conhecida Capital da Média Mogiana.

Da mesma forma que em diversas cidades do interior paulista e em capitais por todo o Brasil, o vigoroso jornalista e talentoso literato realizou em São João da Boa Vista uma magnífica conferência sobre “As grandes heroínas do Amor e da Beleza”, coroada do mais completo êxito, tendo os mais ruidosos aplausos, merecendo da imprensa local e regional as mais vibrantes saudações.

A culta sociedade sanjoanense, que vinha recebendo com carinho todos os artistas que a visitavam, dispensou ao preclaro intelectual toda a sorte de simpatias, não deixando de se impressionar com o escritor que sabia dizer as suas conferências com muita arte e muita elegância.

Fernando Callage, como conferencista, possuía todos os requisitos necessários para encantar a platéia, pois era senhor de uma voz sonora, clara e bem timbrada, e sabia dizer com elegância, com arte, os seus trabalhos literários.

A conferência literária “As grandes heroínas do Amor e da Beleza” constituiu o estudo completo em que o palestrante, através da palavra, fez com que todas as personagens por ele analisadas ao longo da história tomassem forma ante os ouvidos e a imaginação da seleta platéia. Figuras belíssimas e conceitos esplêndidos conseguiram agradar vivamente o auditório do Theatro Municipal de São João da Boa Vista. Logrou o distinto homem de letras aplausos do auditório que agradavelmente se impressionou com os recursos intelectuais de Fernando Callage, com a sua dicção impecável e a comesura ritmada de sua gesticulação.

No dia seguinte, o visitante regressou para a capital paulista, enviando a todos suas despedidas e agradecendo pela acolhida que muito o emocionou.

### **Bibliografia**

Jornal *A Evolução*. São João da Boa Vista: 21 de abril de 1925. Ano I. Número 1.

Jornal *A Evolução*. São João da Boa Vista: 29 de abril de 1925. Ano I. Número 2.

Jornal *Cidade de São João*. São João da Boa Vista: 26 de abril de 1925. Ano XXXIV. Número 44.

Jornal *Cidade de São João*. São João da Boa Vista: 3 de maio de 1925. Ano XXXIV. Número 45.

Jornal *O Município*. São João da Boa Vista: 25 de abril de 1925. Ano XX. Número 992.

Jornal *O Município*. São João da Boa Vista: 2 de maio de 1925. Ano XX. Número 993.